

## **Entre Utopias e Distopias: O Discurso Cínico das Big Techs sobre Inteligência Artificial Geral<sup>1</sup>**

Kaluan Boarini Bernardo<sup>2</sup>  
ESPM-SPM

### **Resumo**

Este artigo examina como executivos de grandes empresas de inteligência artificial instrumentalizam narrativas hiperbólicas sobre uma futura superinteligência ou AGI (Inteligência Artificial Geral) como estratégia de marketing, em um contexto de niilismo e descrença no futuro característico do capitalismo tardio. Partindo das críticas de Erik J. Larson sobre a impossibilidade técnica atual de se alcançar uma cognição artificial equivalente à humana, o estudo analisa declarações de líderes como Sam Altman (OpenAI), Dario Amodei (Anthropic) e Elon Musk (xAI), que prometem IAs capazes de superar a inteligência humana em poucos anos. Apoiando-se em Franco Berardi, Paula Sibilia e Evgeny Morozov, o trabalho demonstra como essas narrativas utópico-distópicas servem ao "solucionismo" do Vale do Silício e representam uma postura cínica que desvia a atenção dos problemas reais já causados pela IA.

**Palavra-chave:** inteligência artificial; big tech; cinismo; neoliberalismo.

### **O marketing da superinteligência artificial**

É comum testemunhar líderes de empresas de tecnologia, em especial as de inteligência artificial (IA), fazerem discursos exaltando um futuro em que a tecnologia igualará ou superará a cognição humana. Embora o futuro seja incerto, há poucas evidências de que a IA esteja próxima de tal feito (LARSON, 2021). Partindo da premissa de que a superinteligência é, no momento, mais um mito do que uma questão real, este artigo busca compreender os impactos de tais discursos, entendendo-os como uma estratégia cínica típica do capitalismo tardio e do neoliberalismo.

Líderes como Sam Altman (OpenAI), Dario Amodei (Anthropic) e Elon Musk promovem a ideia de que a Inteligência Artificial Geral (AGI) está a poucos anos de distância, prometendo resolver os problemas mais complexos da humanidade. Contudo, especialistas como o cientista da computação Erik J. Larson (2021) argumentam que a IA atual não superou um mistério fundamental sobre a natureza da inteligência e que o avanço não é uma mera questão de investimento, mas de uma descoberta científica fundamental que ainda não ocorreu. O neurocientista Miguel Nicolelis (2025) reforça o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Técnicas e Culturas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM ESPM-SP com bolsa CAPES.

ceticismo, afirmando que a IA "não é nem inteligente e nem artificial", pois a verdadeira inteligência é uma propriedade emergente de seres vivos em interação com o ambiente.

Essa colonização do imaginário ocorre em um cenário de crise de futuro, como aponta Franco Berardi (2019). Segundo o autor, vivemos em um "iluminismo obscuro", onde a esperança foi substituída pelo desalento e por um niilismo generalizado. Nesse vácuo, as corporações dominam as narrativas sobre o futuro, posicionando-se como as únicas capazes de criá-lo, seja como utopia ou distopia. As promessas grandiosas dos executivos de tecnologia se encaixam no que Evgeny Morozov (2018) define como "solucionismo": a crença de que problemas sociais complexos, como a desigualdade ou a paz mundial, podem ser resolvidos por meio de aplicativos e tecnologias fornecidas por startups. Trata-se de uma ideologia que, ao prometer disrupção e abundância, desvia o foco de questões políticas e éticas.

O maior problema desse discurso sobre riscos futuros hipotéticos, como argumenta a pesquisadora Camila Molina Avila (2025), é sua capacidade de desviar a atenção dos danos reais e presentes causados pela IA. Questões urgentes como vieses algorítmicos, precarização do trabalho, desinformação e o massivo gasto de energia ficam em segundo plano. Enquanto se discute o que uma IA superpoderosa poderia fazer, as tecnologias atuais já geram impactos que carecem de regulação. Essa estratégia, como observa Rehak (2021), utiliza termos antropomorfizados para atribuir agência à IA, eximindo de responsabilidade as empresas que as criam.

Este posicionamento pode ser compreendido pela ótica do cinismo. A pesquisadora Paula Sibilia (2023) argumenta que vivemos um deslocamento moral da hipocrisia para o cinismo. Se antes a moral burguesa era hipócrita, hoje o cenário é de um cinismo que não se envergonha de suas ações e intenções. Líderes de tecnologia se sentem à vontade para reivindicar o poder de redesenhar o futuro da humanidade, pedindo para que o resto da sociedade apenas confie em sua benevolência. Ao se dizerem preocupados em "fazer o certo", enquanto ignoram os problemas atuais de suas plataformas, eles operam sob essa lógica cínica, que se afina com o ideário neoliberal e despreza consensos em nome de suas "verdades".

## Referências

ALTMAN, Sam. Three observations, 2025. Disponível em <https://blog.samaltman.com/three-observations>. Acesso em 10/06/2025

---

AMODEI, Dario. Machines of Loving Grace, 2024. Disponível em <Dario\_Amodei\_—  
\_Machines\_of\_Loving\_Grace>. Acesso em 08/06/2025

BERARDI, Franco. Depois do futuro. Ubu, 2019.

LARSON, Erik J. The myth of artificial intelligence: why computers can't think the way we do. Harvard University Press, 2021.

MOROZOV, Evgene. Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política. Ubu, 2018

NICOLELIS, Miguel. Miguel Nicolelis: “É impossível que IA se torne melhor que o cérebro”. Portal Metrôpoles, 2024. Disponível em <https://www.metropoles.com/saude/nicolelis-impossivel-ia-melhor-que-cerebro> . Acesso em 12/06/2025

REHAK, Rainer. The Language Labyrinth: Constructive Critique on the Terminology Used in the AI Discourse, pp. 87-102 in P. Verdegem (ed.) AI for Everyone? Critical Perspectives. University of Westminster Press.

SIBILIA, Paula. Da hipocrisia aos cinismos: Transformações do “solo moral” nas democracias contemporâneas, 2023. Revista Eco-Pós, 26(01), 324–348.